



MARIA EMÍLIA CARDOSO

Maria Emília Cardoso (por alcunha “Emília do Fiscal”) nasceu a 9 de Setembro de 1929, em Sarzedinha, Proença-a-Nova, Distrito de Castelo Branco. É filha de João Cardoso e de Adelina Inácio, trabalhadores agrícolas. Com oito anos veio, de camioneta, servir para Lisboa, tendo sido chamada por uma conterrânea que trabalhava na capital. Mais tarde, foi trabalhar para casa de João de Deus Pinheiro Farinha¹, na Rua Cidade de Cardiff. Com a transferência do casal Pinheiro Farinha para Cantanhede, Maria Emília foi para casa da tia materna, que morava em Lisboa, pois não quis ir para Cantanhede.

Em 1947, casou, em Lisboa, na Igreja da Graça, com Marcelino Lopes Gonçalves, nascido em Poiares da Régua, Distrito de Vila Real, ajudante de camionagem. Depois de casados, viveram algum tempo em Lisboa, num quarto.

Pouco tempo depois de casada, Maria Emília e o marido vieram para caseiros da Quinta dos Mogos, em Santo Isidoro. Ao tempo, a Quinta dos Mogos era propriedade de Óscar Cardoso². Os filhos, Maria José Cardoso Gonçalves e Óscar Cardoso Gonçalves, nasceram, respectivamente, em 1950 e 1952, tendo sido ambos baptizados em Santo Isidoro.

Uns anos depois, Marcelino Gonçalves, querendo melhorar a sua situação, saiu da Quinta dos Mogos e foi trabalhar para a antiga adega do “Zé do Casal” [José Pereira], na Ericeira, por solicitação de António Lobo. Pouco tempo depois, Eugénio Caré, concessionário do mercado, contratou-o para fiscal da praça. Daí a alcunha de Maria Emília.

Maria Emília entrou no negócio da venda de peixe, começando por vender sardinhas, carapaus, chicharro e miôto em posta, na Pucariça e em Monte Godel, a pessoas conhecidas.

No fim da primeira metade da década de 1950, arrendou uma banca para vender peixe no mercado ericeirense, que entretanto ficara vaga. Desde o início, Maria Emília teve a colaboração de Maria Argentina Bernardes da Luz Franco Alberto. Maria Argentina trabalhou desde miúda e durante toda a vida com a “Ti” Emília.

Pouco depois, começou a comprar peixe na lota da Ericeira, que ao tempo tinha lugar na Praia da Ribeira. Ficou sempre muito agradecida ao “Bestial” [João Pitas Pereira, 23.10.1920-17.01.1999] pela colaboração que lhe prestou no negócio, incluindo os despiques para compra de peixe na lota, onde era importante disputar o lugar fazendo rápidas correrias pela rampa abaixo. O peixe era

¹João de Deus Pinheiro Farinha nasceu no Redondo em 8 de Março de 1919. Faleceu em 26 de Setembro de 1994. Foi um funcionário importante durante o regime do Estado Novo. Exerceu cargos de direcção nos serviços prisionais. Depois de 1974, foi Procurador-Geral da República e Presidente do Tribunal de Contas (1977/1986). Foi ainda Ministro da Justiça do VI Governo Provisório.

²Óscar Anibal Piçarra de Castro Cardoso foi um conhecido ex-GNR e Inspector da PIDE/DGS (1965-1974). Foi o mentor e organizador dos ‘Flechas’ durante a Guerra Colonial em África.

transportado da lota da Ericeira para as bancas do mercado pelo “Xico Coxo” [Francisco de Almeida Piloto] e, mais tarde, pelo “Gaivota” [António Magalhães Duarte].

Em 1961, fez a quarta classe na Ericeira com os professores Maria Antonieta e Botelho [António Félix Botelho], aos 32 anos. “Ti” Emília arrendou o espaço, da actual peixaria, propriedade do seu filho Óscar, quando “Ermelinda do Elisiário” [Ermelinda Galvão Lopes Bernardino], que ao tempo aí tinha um negócio de venda de gelo, para conservar o peixe fresco, deixou de trabalhar. No início, o local servia apenas para armazenar e conservar o peixe adquirido nas várias lotas e vendido na banca da praça.

Maria Emília começou por auxiliar Ermelinda Bernardino na venda de gelo. Depois, vendeu peixe (sardinhas, linguados, etc.), adquirido na lota da Ericeira, em Lisboa, a determinados armazenistas que eram clientes de Ermelinda Bernardino (“Companhia Portuguesa de Congelação”, Luís Roque, **Hilário Clima (“Climater”)**, “Frescal, Sociedade Comercial de Abastecimento de Peixe, Lda.”, Eurotejo, etc.).

O peixe era transportado em carrinhas pelo “Pinta” [Fernando Pereira Bispo] ou pelo “Afonso da Rosa do Adro” [Afonso da Silva Lucas]. O frete era contratado e pago aos referidos motoristas. Mais tarde, adquiriu uma carrinha e passou a comprar peixe na lota de Peniche, juntamente com outras vendedeiras do mercado da Ericeira. Chegavam a ir sete ou oito (“Palmira Galroa”, “Palmira Rancolha” [Palmira do Carmo], “Fernanda da Repolha”, “Ti” Henriqueta [Henriqueta Mina Dias], Sara Paulita [Sara Paulita Soares], “Lucinda do Ferreiro” [Lucinda da Conceição Luís Jorge], “Ti Maria Neves” [Maria Beatriz Dias], “Nazaré do Mil Homens” [Maria da Nazaré Castelo Pereira], “Ti” Maria Rosa [Maria Rosa Cassapo], “Maria dos Caracóis” [Maria da Silva Cassapo]) na carrinha conduzida pelo “Pinta”. Também iam à lota de Cascais comprar peixe. Vendia linguados, pregados, robalos, pescadas, salmonetes, safios, polvos, raias, etc. Nunca foi «muito de vender caldeiradas». Vendia muito tamboril, sem as cabeças, ao Manuel do restaurante “A Gruta”, que trabalhou na pensão da Maria Berta. Os pratos mais vendidos no restaurante eram a massada e o arroz de tamboril.

Até à década de 1980, o filho andou embarcado na marinha mercante. Com o colapso da marinha mercante nacional em meados da década, Óscar deixou de ter emprego e abriu a peixaria com a mãe e a irmã. A peixaria era propriedade da sociedade Maria Emília Cardoso Gonçalves & Filhos. Mais tarde, “Ti” Emília e a filha Maria José cederam as suas quotas a Óscar Gonçalves, que é o actual proprietário da “Peixaria da Ti Mila”.

Em 2006, após a morte de Maria Argentina, deixou a banca de peixe na praça, pois os seus clientes iam comprar o peixe à peixaria. “Ti” Emília teve banca para venda de peixe na praça da Ericeira durante mais de cinquenta anos. Até 2011, frequentou a peixaria do filho, altura em deixou de poder andar.

Quando lhe perguntei se conhecia canêjas com pintas, a “Ti” Emília respondeu prontamente – «Algumas canêjas têm umas pintinhas. Sim têm umas pintinhas.» Depois acrescentou – «Agora tudo aparece pouco, mas aparece. A pintada tem menos lixa na pele. Aparecia de vez em quando uma, mas a gente não ligava a isso. Era canêja, era canêja. Nenhuma das canêjas tem dentes na boca. Têm uma “serrilhazinha”. Aqui, costumávamos chamar à canêja, cação verdadeiro.

Os cações têm dentes. Com o nome de cação conheço a tintureira, que é azul. O cação pode ser grande ou pequeno. Os cações grandes eram vendidos à posta para caldeirada. Havia cações muito grandes e havia cações pequenos. De há uns anos para cá compram-se os peixes dessa família aos fornecedores sem pele, trazem-nos sem pele, já esfolados.»

Em Peniche, chamam “dionísia” à pata-roxa. Ao rodovalho chamam azevia. Às linhaças chamam “linguado espanhol”. Nós aqui chamamos azevias às azevias. Aos gafos chamamos “macacas”.

Entrevista feita em sua casa na Ericeira, na presença da filha Maria José, em 23.09.2012. Os nomes citados entre parênteses foram obtidos com a colaboração de Júlio Lopes.

Nome do ficheiro: Maria Emília-Final
Directório: C:\Users\User\Documents
Modelo: C:\Users\User\AppData\Roaming\Microsoft\Modelos\Normal.
dotm
Título:
Assunto:
Autor: User
Palavras-chave:
Comentários:
Data de criação: 24-09-2012 19:46:00
Número da alteração: 43
Guardado pela última vez em: 07-03-2013 18:24:00
Guardado pela última vez por: User
Tempo total de edição: 563 Minutos
Última impressão: 07-03-2013 18:27:00
Como a última impressão completa
Número de páginas: 2
Número de palavras: 1.013 (aprox.)
Número de caracteres: 5.476 (aprox.)